



A ecologia dos saberes como instrumento de empoderamento feminino na construção da agroecologia

The Ecology of Knowledge as an Instrument of Female Empowerment in the Construction of Agroecology

SOUSA, Rafael Pereira de¹; SILVA, Luana Viana Costa e²

¹Universidade Federal do Ceará – Campus Crateús, rafaelengambiental@alu.ufc.br; ²Universidade Federal do Ceará – Campus Crateús, luanaviana@crateus.ufc.br

Eixo Temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Em meio a um cenário onde a mulher assumir funções secundárias em casa e na comunidade, sobretudo no campo, esse estudo surge no intuito de analisar as experiências do grupo de mulheres Juntas Somos Fortes do assentamento Palmares II, em Crateús, Ceará. Após rodas de conversas, turnês guiadas e entrevistas semiestruturadas, percebeu-se que o coletivo dá exemplo de empoderamento e emancipação feminista, através da produção agroecológica, em meio ao sertão nordestino, a qual vem garantindo o aumento da renda familiar e da segurança alimentar, mas também a manutenção de um espaço de sororidade. Com a horta já em andamento, enfrentaram dificuldades, inclusive, em superar a postura machista arraigada de alguns maridos, mas, com o fortalecimento mútuo e perseverança coletiva, resistiram. Portanto, é crucial, na transição agroecológica, mulheres protagonistas de suas vidas e a troca de experiências e saberes, entre universidade e campo, valoriza e torna maiores as possibilidades.

Palavras-Chave: Coletividade; Representatividade; Sustentabilidade.

Keywords: Collectivity; Representativeness; Sustainability.

Contexto

A experiência ocorreu entre os dias 27 e 28 de abril de 2019 no assentamento Palmares II, Sertões de Crateús, Ceará. Esse estudo é parte das atividades do Grupo de Estudos e Práticas Interdisciplinares em Agroecologia (GEPIA), coletivo que congrega várias instituições e movimentos sociais da região em torno da temática agroecológica, estudando desde o acesso à água até o empoderamento feminino. Desde o ano de 2017, mais especificamente, o GEPIA vem estabelecendo conexões com as comunidades que serão deslocadas involuntariamente pela construção da Barragem de Fronteiras. Nesse ano, na tentativa de preservar a cultura, resgatar histórias e tradições, e evidenciar o modo de vida locais, o coletivo vem produzindo um livro de memórias e um documentário junto às comunidades.

Nessa trajetória, conhecer a história e as práticas do grupo de mulheres Juntas Somos Fortes foi de fundamental importância para a experiência, pois a trajetória delas está imbricado à história da comunidade, transparecendo uma demasiada influência no *modus operandi* local, sobretudo no que se refere à forma como vêm conseguindo a emancipação feminina. A partir do cultivo agrícola familiar, as mulheres passaram a conquistar espaços e exercer funções diferenciadas das comumente impostas ao universo feminino, mais centrais na comunidade, tal como eleger uma de suas



integrantes a presidente da Associação Comunitária do Palmares II e serem as promotoras dos eventos festivos locais.

Portanto, esse relato, ao trazer as experiências do grupo de mulheres Juntas Somos Fortes, têm o potencial de encorajar outras mulheres, de lugares distintos, a verem na agroecologia mais um de seus lugares de luta, de protagonismo. Além disso, busca desnaturalizar a opressão de gênero, duplamente sentida pelas camponesas, e legitimar as mulheres como sujeitos de um conhecimento potencialmente crítico e transformador. A difusão das práticas camponesas feministas, na perspectiva acadêmica que esse estudo pretende abordar, possibilita a troca de saberes necessária entre o universo popular e o científico, para que a evolução dos dois campos de conhecimentos colabore com a necessária transição agroecológica na contemporaneidade.

Descrição da Experiência

As metodologias utilizadas foram selecionadas pelo caráter participativo que o estudo precisava assumir: rodas de conversas (FIGUEIRÊDO e QUEIROZ, 2012), turnês-guiadas (ALBUQUERQUE et al., 2014) e entrevistas semiestruturadas (SELLTIZ et al, 1987). Sempre que eram necessários registros de voz e por fotografia, havia a prévia autorização dos(as) envolvidos(as).

“As relações sociais/históricas locais” foi o tema gerador das rodas de conversa, escolhido em consonância aos objetivos da pesquisa. Durante os diálogos, as pessoas puderam apresentar suas considerações espontaneamente, sem necessidade de estarem em acordo umas com as outras, o que gerou, muitas vezes, o contraditório e estimulou a oralidade. Mélo *et al.* (2007) afirma que a roda de conversa é um exercício de pensar coletivo, o que possibilita a reflexão do que está sendo posto em discussão, dando significado, muitas vezes, à história quando percebida sistematizada.

Na roda de conversa na sede da Associação local, com o objetivo de apresentar a proposta de programação para representantes da comunidade, atestar sua viabilidade e relevância, e iniciar as escutas, em meio a alguns relatos de moradores locais, a experiência do grupo de mulheres se destacou e logo despertou grande interesse de estudo nos pesquisadores presentes, devido à percepção da diferença que elas fazem na comunidade.

As turnês guiadas foram realizadas à horta do coletivo e à sede do coletivo, um momento em campo com o intuito de observar o território e confrontar as informações, em que pesquisadores são orientados por uma pessoa de relevante conhecimento do local.

Algumas das componentes do grupo de mulheres participaram da entrevista semiestruturada proposta, com o propósito de deixa-las mais à vontade e instigá-las



a lembrarem de fatos, o que seria limitado em um questionário, por exemplo (SELLTIZ et al, 1987). Retrataram, sobretudo, as dificuldades em manter uma horta produtiva em tempos de seca e as diversas alternativas sustentáveis usadas para um melhor aproveitamento da produção. Registrou-se também uma enorme dificuldade técnica em lidar com a agricultura no início das atividades, o que requereu o desenrolar de um processo de conhecimento e adaptação natural, através da observação do comportamento da natureza quando influenciada por mecanismos antrópicos. Com isso, apesar das dificuldades retratadas, o grupo obteve êxito na adaptação com o seu meio e, atualmente, a horta tem destaque na produção local.

Segundo elas, o grupo foi formado em 2011. Como havia pouco recurso em caixa, uniram esforços e realizaram desde bingos até eventos maiores com o intuito de iniciar a horta, que a princípio teve apenas cebolinha. Atualmente, contam com uma horta coletiva com cebolinha, alface, tomates, cheiro verde, berinjela, pimenta, e mamão, que serve para alimentar moradores da comunidade e vender o excedente, inclusive em eventos regionais como a Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária, aumentando a renda das famílias. Além disso, são as animadoras da comunidade, promovendo eventos em datas especiais, como o Dia Internacional das Mulheres e Dia das Mães. Autogerenciado por sete mulheres, que trabalham diariamente juntas, seja na horticultura, no artesanato e/ou na culinária regional, e ainda se reúnem mensalmente em encontros ordinários, o coletivo é referência na comunidade de força, garra e determinação.

O estudo aconteceu a partir da demanda social em resgatar e valorizar as práticas e vivências do grupo de mulheres Juntos Somos Fortes do Assentamento Palmares II, do município de Crateús, que será atingido pelo empreendimento "Barragem de Fronteiras". Percebeu-se um verdadeiro empoderamento feminino motivado pela prática da agroecologia e constatou-se, com a visita da horta, um exemplo de produção e manuseio agrícola sustentável. Sua influência perpassa as fronteiras daquela comunidade, gera representatividade, renda e, sobretudo, uma alimentação saudável para aqueles que ali habitam. O grupo de mulheres Juntos Somos Fortes faz jus ao nome, e demonstra que a agroecologia pode gerar uma melhor condição de vida para toda uma comunidade, e que juntos somos de fato mais fortes.

O grupo é reconhecido por sua resistência em meio ao semiárido nordestino, sendo uma de suas características mais marcantes a luta feminista na prática, que foge do campo das ideias e abrange uma outra narrativa. Através do relato das componentes do coletivo, registrou-se uma verdadeira trama de lutas e conquistas, emancipação e desenvolvimento pessoal e comunitário.

Agradecimentos

À Associação do Assentamento Palmares II, que cedeu espaço para a estadia dos membros do GEPIA e também para reunião com a comunidade. Aos professores e alunos do curso de Psicologia da Faculdade Princesa do Oeste, por terem auxiliado



na visita e se mostrarem interessados na nossa luta. Aos demais membros do GEPIA, por terem construído esse momento de compartilhamento de saberes e aprendizados. À professora Thayres Andrade, por ter colaborado financeiramente com a visita, e à professora Luana Viana, que está dando apoio a essa iniciativa e coordena o GEPIA. À toda comunidade do Assentamento Palmares II, por ter-nos recebido, sobretudo, ao Grupo de Mulheres Juntas Somos Fortes, por ter-nos dado a honra de conhecer essa belíssima história de lutas e conquistas e por ter articulado nossas rodas de conversas com a comunidade.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. et al. **Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology**. Springer Protocols Handbooks. 2014.

FIGUEIRÊDO, A. A. F. de; QUEIROZ, T. N. de. **A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa**. Psicologia e Sociedade, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.